

Em algum lugar do passado

» CONCEIÇÃO FREITAS

Dona Francisquinha, 88 anos, até hoje abre a porta do apartamento na 312 Norte de braços abertos para o visitante — filhos, genros, noras, netos, bisnetos, amigos. Foi com o mesmo coração desarmado que ela deixou Ipueiras, no Ceará, com os primeiros sete dos 10 filhos para se juntar ao marido, Manuel Pereira Lima, que havia vindo dois anos antes. Largou a profissão de professora e um cargo na prefeitura (foi a primeira mulher a trabalhar na burocracia do município). Quando poucas mulheres sabiam datilografia, ela teclava as pretinhas com destreza de pianista. Fazia teatro, falava inglês e se virava no francês.

Era uma mulher moderna chegando a uma cidade de seu tempo — o tempo futuro. Mas dona Francisquinha, jovem e bela mulher, trocou a vida profissional pela criação dos 10 filhos — todos criados numa superquadra, entre o apartamento, a escola classe, o debaixo do bloco e a atmosfera épica do nascedouro de uma cidade planejada.

O marido de dona Francisquinha, Manuel Pereira Lima, foi fisigado pela utopia-Brasília ao ouvir Juscelino contar ao Brasil que pretendia construir a nova capital e inaugurar-a em seu governo. Depois de 18 dias sacolejando num pau-de-arara, Manuel saltou do caminhão e pôs os pés “numa grande novidade”. Não

demorou para perceber que havia muitas oportunidades de trabalho. Especialmente, a de funcionário público, sonho do cearense. Manuel virou carteiro. O candombe contou sua história em 2004 ao *Correio Braziliense*, na série “Pioneiros”. Morreu um ano depois.

Dois dos 10 filhos do casal já morreram. Um deles, adolescente, se afogou nas águas do Lago Paranoá. Os outros oito vivem ao redor de dona Francisquinha. A família se alimenta da riqueza de afeto entre eles e das lembranças dos anos heroicos de Brasília. Do apartamento, dona Francisquinha ouvia o hino da cidade ser entoado na Escola Classe 312 Norte: “Em meio à terra virgem desbravada, na mais esplendorosa alvorada, feliz como um sorriso de criança, um sonho transformou-se em realidade, surgiu a mais fantástica cidade (...”).

Sentada num banco de praça, debaixo do bloco, dona Francisquinha começa a cantar o hino. Todos os filhos presentes cantam com ela. Aprenderam na escola e no programa do locutor Meira Filho, que executava o hino diariamente no programa de rádio. Dona Francisquinha repete os primeiros versos do hino de Brasília e ri como criança, como quem se lembra de um tempo de felicidade que não acabou. A família reacende a história pioneira em grupo no Facebook, em encontros semanais, em fotos dos primeiros tempos e no orgulho de ter ajudado a consolidar a capital do país.

Arquivo pessoal



Dona Francisquinha, entre os filhos e netos: maternidade nos tempos da construção de Brasília

“Em meio à terra virgem desbravada, na mais esplendorosa alvorada, feliz como um sorriso de criança, um sonho transformou-se em realidade, surgiu a mais fantástica cidade (...”).

Trecho do Hino de Brasília, que dona Francisca fez questão que os filhos aprendessem